

Aula no sábado gera nova crise

Sábado, 1/7/89

no ensino

Jorge Cardoso

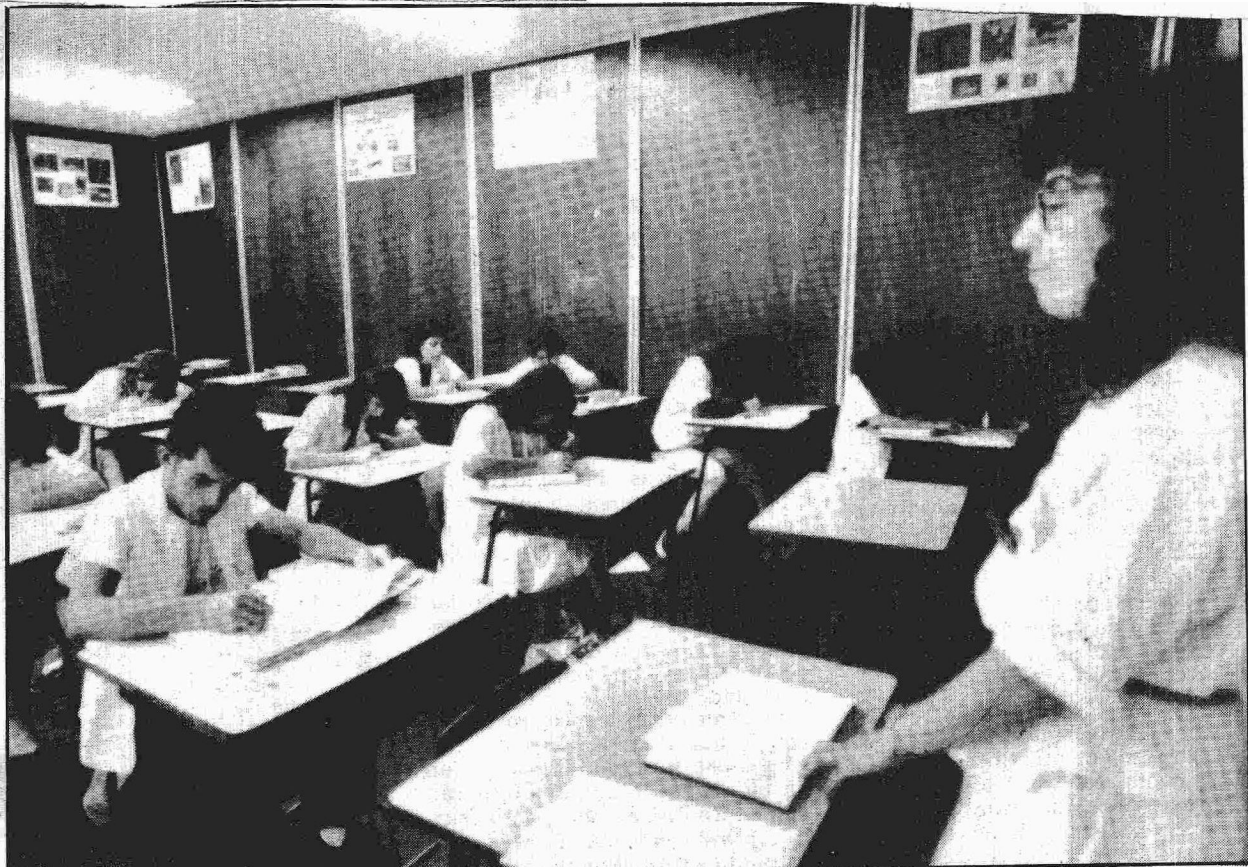
A tendência entre os professores da rede oficial de apoiar a reposição de aulas aos sábados deve acirrar ainda mais a polêmica sobre a fixação do novo calendário letivo, que foi alterado com a greve. Essa posição diverge da defendida pelos pais de alunos e a própria Secretaria de Educação, que querem a reposição integral dos 180 dias, mesmo que o período escolar tenha que ser concluído somente no próximo ano.

Para os professores, que só tomarão uma posição definitiva sobre o assunto na próxima quarta-feira, na reunião de delegados sindicais, o importante é cumprir o conteúdo programático e não um calendário de aulas. Eles defendem aulas aos sábados e no recesso de julho, sob a alegação de que a extrapolção do calendário para 1990 prejudicaria os estudantes que estão concluindo o 2º grau e que se submeterão em janeiro ao vestibular.

Os pais, entretanto, têm uma opinião divergente e estão respaldados no próprio acordo fechado entre o Governo e os professores na Delegacia Regional do Trabalho, que prevê a reposição integral dos 180 dias. "Existe uma relação direta entre o tempo de absorção de conhecimentos com o tempo em que esses são transmitidos aos alunos", raciocina Hailhi Lauriano Dias, da comissão, de Pais e Alunos da Rede Oficial. Para Dias, é preferível que as férias sejam prejudicadas às aulas serem repostas de forma atropelada, com prejuízo para a aprendizagem.

Comissão

A polêmica sobre o problema da reposição será a questão mais



Alunos da Escola Normal reiniciaram ontem o processo de ensino interrompido há 54 dias pela greve

difícil que a comissão que vai decidir sobre o assunto, e que será formalizada na próxima segunda-feira, enfrentará na mesa de negociação. Essa comissão incluirá representantes de todos os segmentos envolvidos com o problema e terá um prazo de dez dias para apresentar uma solução.

Uma posição que os professores também vão levar para a mesa de discussão será a autonomia para

que cada escola possa decidir o cumprimento dos 180 dias, com adaptações para as diferentes realidades. "Não queremos um modelo único", defende uma das diretoras do Sindicato dos Professores, Raimunda Mendes da Veiga. Os pais de alunos até concordam com essa flexibilidade, mas advertem: "Queremos o programa completo e que seja recuperado o ritmo quebrado com a greve", avisa Hailhi Dias.

Aluno da Upis terá devolução

Os alunos da União Pioneira de Integração Social (Upis) que deixaram a faculdade nos últimos seis meses por impossibilidade de pagar as mensalidades têm agora nova oportunidade para voltar a frequentá-la. Ontem, o juiz da 1ª Vara de Justiça Federal, João Baptista Coelho Aquiar, revigorou a liminar concedida pela 6ª Vara de Justiça em agosto de 1988, que determinava a redução das mensalidades.

Segundo relatório da Superintendência Nacional do Abastecimento (Sunab), que instruiu a Ação Judicial, a Upis vinha cobrando valores acima dos autorizados pelo Conselho Federal de Educação (CFE), com exceção do curso de Contabilidade. Pela decisão do juiz da 1ª Vara, a faculdade terá um prazo de no máximo sete dias para recalcular as mensalidades a partir de dezembro de 1988.

O valor autorizado pelo CFE no mês de dezembro era de NCz\$ 36,62, mas a faculdade cobrou Cz\$ 63,38, com exceção de alguns alunos que fizeram acordo e pagaram NCz\$ 55. Da mesma forma, o cobrado no mês de janeiro foi Cz\$ 70,90 e o autorizado, NCz\$ 53,58, valor também aprovado para os meses de fevereiro a abril. Neste período a Upis cobrou NCz\$ 92,73. Em maio, os carnês chegaram às mãos dos alunos com o valor de NCz\$ 92,73, enquanto o determinado pela lei era de NCz\$ 76,87.

A Sunab foi intimada a fiscalizar o cumprimento do recálculo, sendo que os valores cobrados a mais deverão ser devolvidos.

Na volta, lições esquecidas

Ontem não foi um dia muito feliz para as dezenas de milhares de crianças que frequentam a rede oficial de ensino. Elas tiveram que acordar mais cedo, esquecer os desenhos animados da televisão e as brincadeiras de rua e voltar aos bancos das escolas para começar tudo de novo. Muitas delas perderam a hora ou resolveram, como típicos brasileiros "enforçar" a sexta-feira. O resultado foram muitas salas quase vazias depois de 54 dias de greve dos professores da rede pública.

Leonardo Gomes, seis anos, já estava acostumado a dormir até mais tarde. A mãe, Marluce, custou a convencê-lo de que ontem era dia de volta às aulas. O garoto estranhou. Não tinha nada de novo: a lancheira era a mesma, os cadernos, lápis de cor, mochila, tudo igual, e muito diferente de um começo de ano, quando tudo está novinho, até a disposição.

Leonardo chegou ainda sonolento na escola classe da 316 Sul e com cara de poucos amigos. Preferia estar brincando na casa da avó.

Greve

Na escola da 416 Sul, Rafael e Danúbio, também com seis anos, chegaram cedo e ficaram na sala esperando a professora. Pareciam mais animados. Sentados num banquinho de madeira da sala, falavam do desenho do Picapau e do filme da Xuxa. Convencidos de que já são uns homenzinhos, um deles arriscou: "Greve? Sei sim. É num voltar, só no outro dia".

Ainda mais espertos, os meninos da Ceilândia demonstram que estão por dentro do assunto. "É um movimento para que eles possam ganhar mais", define Luciano, 11 anos, da 5ª série do Centro de Ensino nº 2. Seu colega de turma e de brincadeiras é mais contundente: "Só prejudica eles e nós, que agora vamos ficar

sem férias".

Estaca zero

A professora Virgínia Paiva, do pré da escola classe 416 Sul, descobriu ontem ao voltar à sala que "o sonho de Talita" terá que voltar ao início, como num **flash-back**. Antes do início da greve, seus alunos já tinham aprendido pelo menos a metade das aventuras de Talita contadas na cartilha, e com a interrupção das aulas esqueceram quase tudo. "Vou ter que voltar à estaca zero", admitia, meio desanimada.

No Centro de Ensino da Ceilândia, essa era também a preocupação da professora de matemática Fátima Oliveira. Seus alunos já sabiam, antes da greve, os segredos aritméticos de somar e subtrair. Quase dois meses longe das equações foram suficientes para que os estudantes que cessem quase que por completo até quanto vale dois mais dois.